

6.000-17-8-117

I. de Aguiar

A faculdade esthetica é propria sómente do homem  
ou compete tambem aos animaes ?

---

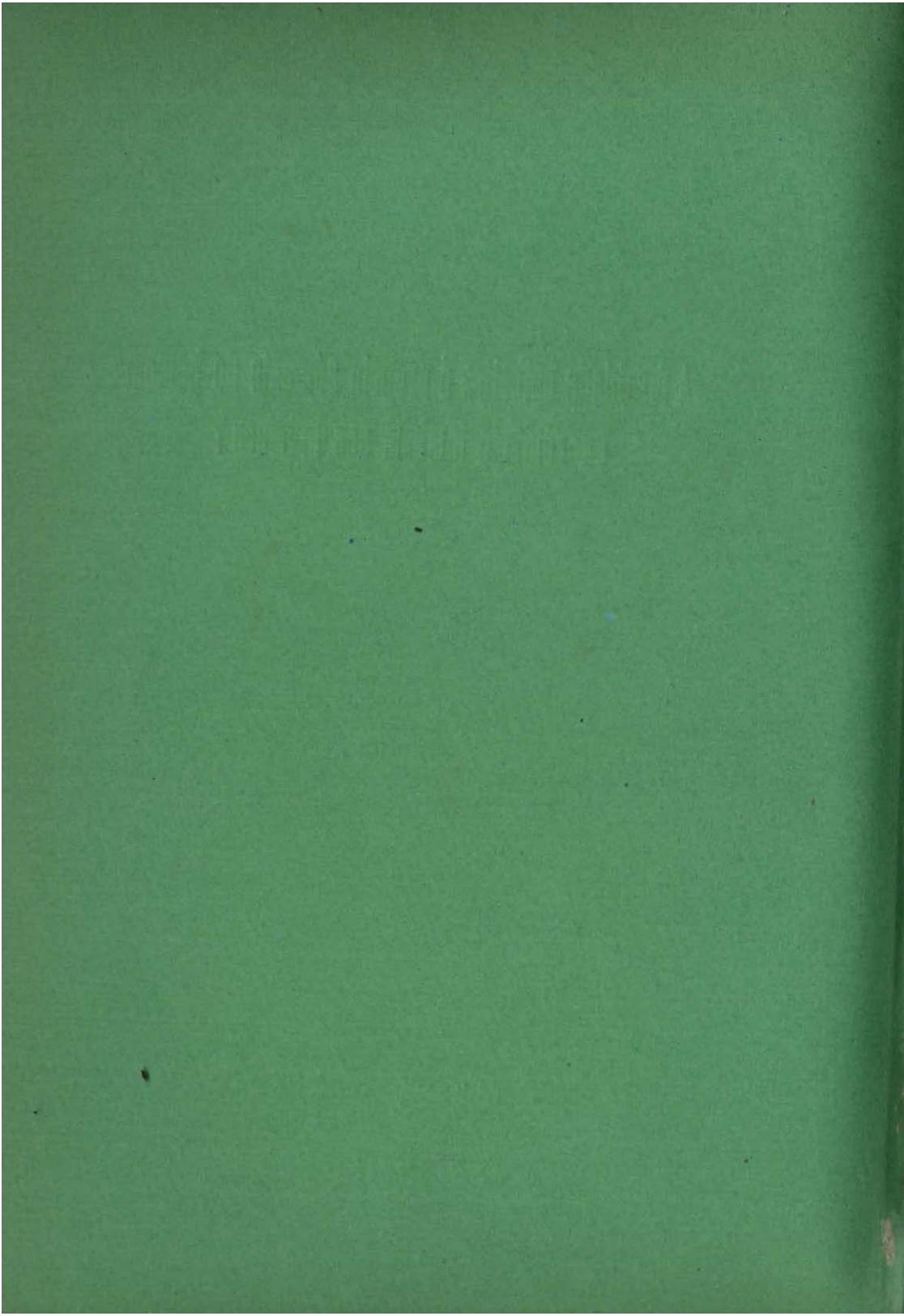
« Ceux-là seuls qui pensent et agissent en  
hommes libres, méritent le nom de citoyens »

« Ce qui nous importe vraiment, c'est de  
réagir avec vigueur contre la tendance de cer-  
taine science contemporaine qui veut faire de  
l'animal un homme, afin de pouvoir faire de  
l'homme un animal... »

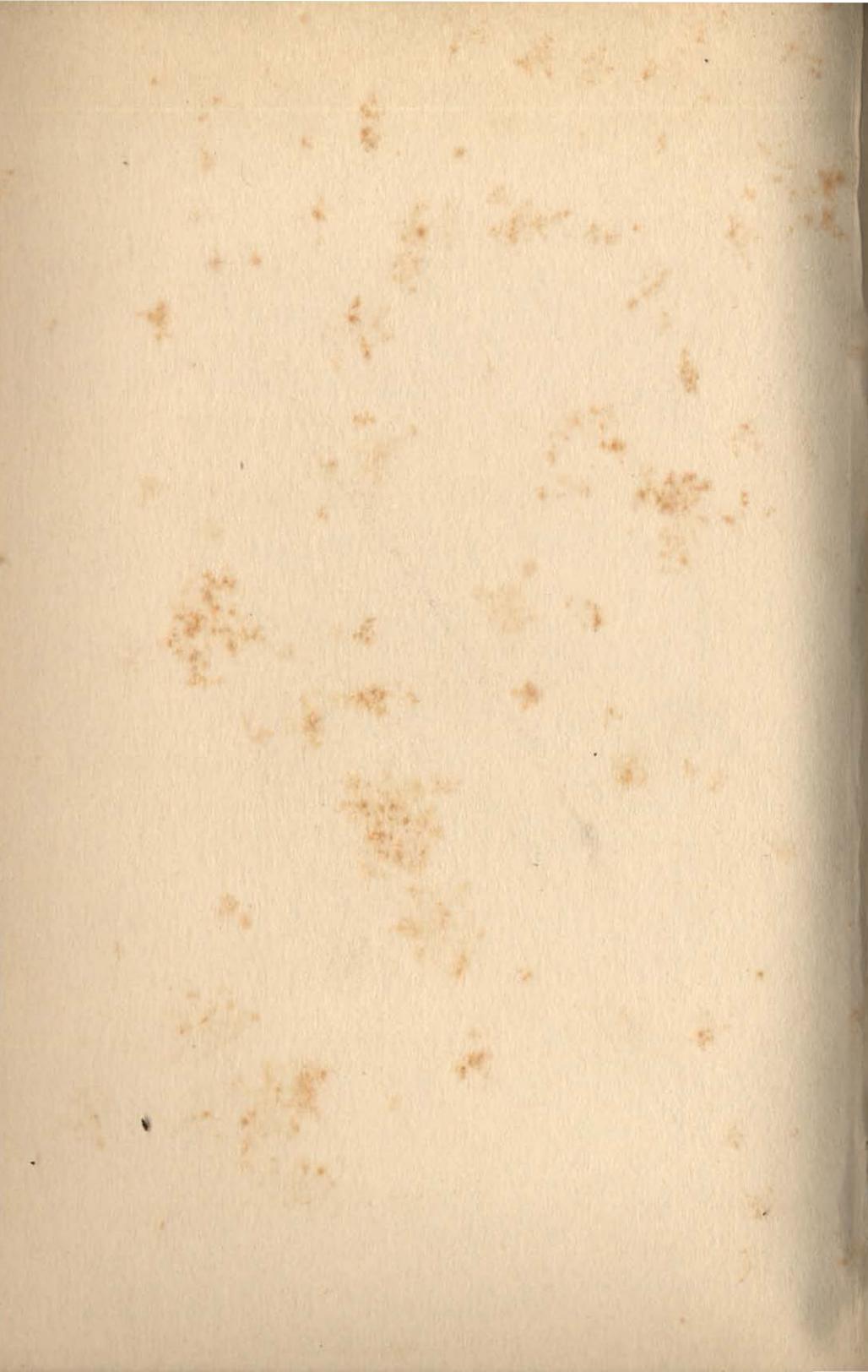


RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1917







I. de Aguiar

A faculdade esthetica é propria sómente do homem  
ou compete tambem aos animaes ?

---

*« Ceux-là seuls qui pensent et agissent en  
hommes libres, méritent le nom de citoyens »*

*« Ce qui nous importe vraiment, c'est de  
réagir avec vigueur contre la tendance de cer-  
taine science contemporaine qui veut faire de  
l'animal un homme, afin de pouvoir faire de  
l'homme un animal... »*



RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1917

243

798381  
316912  
20/10/12

A faculdade esthetica é propria somente do homem ou compete tambem aos animaes?

Para apresentarmos um trabalho de alguma originalidade, isto é, um trabalho de idéa propria, resolvemos abandonar a rotina, as manographias eruditas e documentadas sobre archeologia e historia da arte, que não passam de meras compilações, e resolvemos apresentar uma questão de raciocinio, por isso mesmo de mais interesse.

Formulamos a pergunta. A faculdade esthetica é propria somente do homem ou compete tambem aos animaes? E para respondel-a havemos de o fazer de accordo com as duas principaes correntes que se degladiam no campo da Philosophia e da Arte.

Em primeiro logar vejamos o que é a Arte, o que é o Bello quaes as suas varias definições, conforme as escolas ; examinemos quaes as nossas faculdades perceptivas do Bello, depois sujeitamos a mesmo exame os animaes ; feito isto, estabelecamos

um confronto entre estes e o homem, e finalmente recorramos ao argumento capital, de ordem pratica, a Historia da Arte, para por meio della concluirmos ou pela negativa, ou pela afirmativa.

Que é a Arte? Respondamos com os philosophos, que cada qual pretende melhor definil-a e reputa melhor a sua definição, sem embargos do velhissimo aphorismo que nos ensina *omnes definitio periculosa est.*

Costuma-se dizer que numa acepção geral, ampla e larga, a Arte consiste num conjuncto de meios escolhidos expressamente para se chegar a um fim determinado. Diz-se que a Arte é a *pratica* por opposição a sciencia que é a *theoria*. Essa é a definição chamada philosophica. Em sentido mais restricto a Arte designa não mais as artes mechanicas, mas as artes liberaes, e consiste sempre em representar de baixo de formas sensiveis o ideal que absolutamente não é perceptivel pelos sentidos. E nesta acepção de que vamos nos occupar da Arte, mas continuemos a dar mais definições.

HEGEL distingue tres formas geraes de Arte : *a arte symbolica* (a idéa ainda abstracta e indetermi-

nada procura sem encontrar a sua verdadeira expressão); *a arte classica* (caracterisada pela adequação ou harmonia perfeita da idéa e da forma); *a arte romantica* (que effectiva de novo a separação, a dissociação da idéa e da forma; a idéa diz elle, « que pela sua espiritualidade infinita que a eleva acima do mundo visivel » excede os meios expressivos que tornam indifferentes) ou permanecem subordinados. Essa definição e essa classificação da Arte, de HEGEL, são por demais transcendentés, digamos quasi incomprehensíveis, entanto TAINE, o maior de todos os criticos, o arvora em pontífice maximo de toda a Esthetica.

A Arte, para muitos é a *imitação da natureza*. Essa definição é inaceitavel porque a Arte não se contenta na copia da natureza e na sua imitação servil; ella se inspira na natureza e a interpreta, como diz BACCON: *L'homme ajouté a la nature*.

Em summa, no seu sentido mais amplo, a Arte é um conjuncto de regras dirigindo o homem na execução de um trabalho qualquer, e neste sentido a Arte se oppõe á sciencia e á natureza. Agora, em sentido geral, a Arte é um conjuncto de preceitos aos quaes se submete o trabalho manual e o uso da força mechanica e n'esta accepção as artes são mechanicas e manuaes e o seu nome synonymo de

*officio*, e ellas não têm por fim directo senão a utilidade. Foi encarando a Arte sob este aspecto que COUSIN disse : « *Il y a des arts sans noblesse, dont le but est l'utilité pratique et matérielle; on les nomme des métiers. L'art véritable s'y peut joindre, y briller même, mais seulement dans les accessoires et les détails* ».

Ainda em sentido stricto as artes liberaes e intellectuaes são segundo a palavra de Plinio : *aquellas que são cultivadas pela intelligencia e por esse motivo dignas dos homens livres*. Nesta cathogoria estão as Bellas-Artes cujo fim immediato consiste na expressão do Bello sob uma forma sensivel ; ellas necessitam do concurso da intelligencia e não florescem senão pelo talento e pelo genio. E' neste sentido e nesta accepção que vamos considerar a Arte.

« *Les arts s'appellent les beaux-arts parceque leur seul objet est de produire l'emotion désintéressée de la beauté, sans égard à l'utilité, ni du spectateur, ni de l'artiste.* »

Damos estas varias definições da Arte e ainda temos que acrescentar outras. Para AUGUSTO CONTE : « *L'art consiste toujours en une représentation ideale de ce qui est, destinée à cultiver notre instinct de la perfection. Son domaine est donc aussi étendu que*

*celui de la science. Tous deux embrassant, à leur manière, l'ensemble des réalités, que l'une apprécie, et l'autre embellit ».*

O philosofo de Mompelieir consagra toda a quinta parte do primeiro volume da sua Política positiva n'uma eruditíssima divagação sobre a Arte, denominando-a « Aptitude esthetique du positivisme ». Ahi nesse capitulo CONTE classifica as Bellas-Artes, fazendo umas primar sobre as outras, o que elle chama de « hierarchia esthetica »; diz elle que em primeiro logar está a Poesia, em segundo logar vem a Musica, e quanto ás artes plasticas afirma que a Pintura, que a Esculptura é *menos esthetica* do que a Pintura e a Archictetura *menos esthetica* do que a Esculptura e que ellas « devem ser consideradas mais como industriaes do que como artisticas!... E continuando o seu discurso sobre a Arte, diz CONTE « ...*l'avenement du positivisme exige, a tous égards, une scrupuleuse justice envers le catholicisme ».*

Classificar as Bellas-Artes segundo os seus meios de expressão, é se expor ao vago e ao arbitrario. Não é tarefa sem dificuldade dar-se uma classificação das Bellas-Artes nesse sentido. Como porém,

provar que a Pintura é mais expressiva do que a Musica ou que esta o é mais do que aquella?

« Referindo-se a distincção do espaço e do tempo, ou do repouso e do movimento que domina todos os nossos modos de pensar e de exprimir obtem-se a classificação seguinte :

Repouso :	Movimento
(Artes plasticas)	(Artes rythmicas)
Architectura	Poesia
Pintura	Musica
Esculptura	Dansa

Pretendeu-se que as artes neste quadro se geram na sua ordem vertical e se correspondem em sua ordem horizontal : por exemplo : a Poesia comprehendia primitivamente a Musica e a Dansa, que della se manciparam pouco a pouco ; ella era cantada e dansada. Ainda, por exemplo, distinguem-se na Pintura o desenho e o colorido, e na Musica a melodia (que corresponde ao desenho) e a harmonia (que corresponde ao colorido). A Dansa é o grupo esculptural passando da immobildade ao movimento segundo as leis do rythmo e do compasso ».

Esta é uma classificação que se pôde dizer quasi geralmente aceita, convindo apenas notar que no

que depende de ponto de vista nada deve haver de absolutamente rigoroso.

Decorrendo da sua classificação, notemos que plasticas são ás artes que fixam o Bello no *espaço* e rythmicas as que o realizam no *tempo*. Mais explicitamente : já que dissemos que a Arte é a realização do Bello sob uma forma sensível, isto é sob uma forma objectivada, que afecte os nossos sentidos, completemos a classificação com mais este criterio :

As Bellas-Artes dividem-se em artes do ouvido e artes da vista. A Musica é a que nos impressiona pelo ouvido, realizando o Bello sob a forma sensível — o son, em suas combinações successiva — melodia ou simultanea — harmonia ; a Architectura, a Pintura e a Esculptura, realizam o Bello sob a forma sensível das linhas, das côres, dos contornos, nos impressionando a vista ; quanto a Poesia a Dansa ou Dramatica, realizam o Bello pela palavra pelos gestos e pela mimica, nos impressionando ao mesmo tempo pelos ouvidos e pelos olhos e por isto com grande precisão ficaram sendo classificadas como Bellas-Artes mixtas.

---

Já demos uma noção resumida das Bellas-Artes, como costumam ser definidas e classicadas, e

insistimos em dizer que ellas consistem na realização do Bello debaixo de uma forma sensível, portanto segundo a ordem a que nos propuzemos no inicio do nosso trabalho vejamos agora o que é o Bello.

Desde a mais remota antiguidade a philosophia tem se preocupado com a Arte. As definições do Bello tem sido dadas por quasi todos os grandes luminares do espirito humano. Mas, que é o Bello? PLATÃO diz que « o Bello é o esplendor da Verdade e do Bem ». KANT diz que « o Bello é o que satisfaz o livre exercicio da *imaginação sem estar em des-acordo com as leis do entendimento* » HEGEL afirma que « o Bello é a manifestação sensível da idéa » JAUFFROY diz que « o Bello é o invisível manifestado pelo visível » STENDHAL diz que « *Le Beau est la salie de l'utile*. VOLTAIRE que sempre definiu tudo com mordacissimo sardonismo, que foi antes um demolidor do que um constructor, diz que o Bello é o relativo e para sustentar a theoria da relatividade do Bello diz com infavel graça: « *Le beau ideal pour le crapaud c'es sa crapaude* ».

Para DESCARTES, KANT e os metaphysicos, os diferentes graos do Bello não podem ser expressa-

dos na realidade... E é um nunca acabar de definições do Bello...: umas por de mais subjectivas, outras excessivamente objectivas.

Para TAINE, em seu tratado de «Philosophia da Arte». *o Bello é tudo o que agrada aos nossos sentidos*. No meio de tantas definições só encontramos dois pontos de antagonismo, os que pregam o Bello *ideal*, os espiritualistas, e os que o negam os *relistas* ou materialistas. Póde-se dizer que para estes é muito bôa a definição de TAINE. Os espiritualistas religiosos dizem com COUSIN que o Bello é o Ideal e o seu ultimo termo está no infinito, isto é, está em Deus.

Os *naturalistas*, realistas só admittem que o Bello e o que nos agrada aos sentidos e a sua realização está na copia da natureza.

Como é ingrata a Philosophia, como as vezes está ella em tão flagrante contradicção com a realidade das cousas! Antes que surgissem todos esses philosophos para discutir e doutrinar, a Arte e o Bello sempre existiram. Antes da philosophia moderna não existiu uma Grecia immortal de PHIDIAS, PRAXITELLES, APELLES, SOPHOCLES e MENANDRO?!

Antes da Philosophia moderna crear os seus *principios* de arte não houve uma Renença cujas obras inperceveis, no Vaticano, no Louvre em Munich, Amsterdam, no Escorial, El Prado, não estão até hoje attestando o lampejo verdadeiramente genial de seus autores?! Enquanto a Philosophia moderna, em ingloria controversia, discute esterilmente, ha quasi cinco seculos dizia RAPHAEL, como que para contradizer de ante-mão aos pretensos legisladores da Arte, de nosso seculo e de nossos dias: « *Não tendo sob os meus olhos um modelo que me satisfaça, sigo um ideal de belleza que encontro em minh'alma* ». Ouçamos agora o que diz o immortalissimo MIGUEL ANGELO, talvez uma das maiores glorias da Arte, o genio mais complexo de toda Renasença: « *Desdobrando as azas para se elevar até ao céu, donde desceu, a alma não para na belleza que seduz os olhos, que é tão fragil como enganadora, mas procura no seu vôo sublime attingir o Principio do Bello Universal* ».

Ahi está a profissão de Fé de dois genios, desmentindo o que tão caprichosamente *quer* a Philosophia, contra a realidade de sentimentos e de nossa vida.

Julgamos ter dado uma idéa mais do que sufficiente sobre o Bello. Feito isto cumpre-nos agora, seguindo a ordem a que nos adstringimos no começo da these, fazer a analyse das nossas faculdades perceptivas do Bello, para depois de fazermos esta mesma analyse com relação aos animaes, estabelecermos o confronto entre estes e o homem para chegarmos finalmente com o auxilio da Historia da Arte, a uma conclusão final.

---

A faculdade perceptiva do Bello chama-se a Esthetica, porque o Bello é mais sentido do que comprehendido, a obra de arte fala *mais ao sentimento, á emoção do que á intelligencia*. Certos philosophos affirmam e admittem a existencia de um sentido especial unico capaz de perceber o Bello. Muitos auctores chegam até a classificar o « entusiasmo » entre as nossas faculdades estheticas.

As faculdades estheticas são entre os sentidos externos, o *ouvido* e a *vista*, com cujo auxilio perceberemos a belleza physica ; entre os sentidos internos a imaginação que reproduz em si mesma a imagem das fórmias sensiveis tomadas no mundo exterior. Essa é uma das razões porque na Arte os grandes

genios são dotados de imaginação poderosa. Mas a faculdade esthetica principal é a intelligencia, ella só é capaz de attingir a Belleza ideal e supra sensivel e de governar a imaginação que por natureza é sujeita a illusão, é desenfreada. Estas quatro faculdades, a saber, o ouvido, a vista, a imaginação e a intelligencia, constituem por seu conjuncto a faculdade esthetica, tambem chamada o gosto ou senso artistico.

Estas são as faculdades estheticas que consoante o que preestabelecemos passaremos a examinar nos animaes, para vermos se elles são capazes de emoção de Arte, activa ou passiva.

---

Os animaes têm faculdades perceptivas que por sua vez são *internas* e *externas*, sendo as externas as mesmas que as do homem e que em algumas especies são muitissimo mais desenvolvidas e aguçadas até a um incrível exagero. Por exemplo, o milhafre tem uma vista tão penetrante que chega a distinguir de uma altura de quatro kilometros os pequenos passarinhos e reptis occultos na relva dos prados, cahindo sobre as suas victimas com a rapidez de um raio. Dizem os naturalistas, que o abutre

tem um olphato que lhe permite descobrir os cadaveres a uma distancia de cincoenta kilometros !

As percepções internas dos animaes é que são differentes das do homem, o que negam em absoluto os materialistas que concedem aos animaes faculdades estheticas. Os espiritualistas dizem que ha entre o homem e o animal um verdadeiro abysmo, pela differença de natureza ; os materialistas sustentam que ha entre o homem e o animal, apenas uma differença de grau.

Pertencemos ao numero dos que não concedem aos animaes o senso do Bello. Se temos as mesmas percepções externas dos animaes, vejamos no que delles differimos. Os animaes exercem as percepções internas por meio do sentido commum, de uma imaginação e de uma memoria sensitivas e a sua intelligencia é com muita propriedade chamada estimativa ou instincto. Se o animal tivesse uma intelligencia igual a do homem, isto é, se fosse capaz de generalização e de abstração, está claro que os processos de *dressage* haviam de consistir numa das duas formas do raciocinio, ou na inducção ou na deducção. Ora isso não se dá. Os ensinadores de animaes seguem o processo do chicote, da fome, emfim tudo o que lhes fere apenas a sensibilidade. E' uma coisa evidente que não mais se discute : o



animal não obstrahê, não generaliza portanto absolutamente não raciocina, o que é privativo e apanagio do homem.

O animal no que concerne a intelligencia, segue a uma impulsão cega, propria de cada especie e á essa impulsão se dá o nome de instinto. O animal produz uma serie de actos, consequencia da sua intelligencia instinctiva, nos quaes o conhecimento não toma a minima parte. Por exemplo a aranha tece a sua teia geometrica sem aprendizado; as aves de arribação emigram pela primeira vez sem conhecimento dos elementos; o esquilo faz as suas provisões sem conhecer o inverno. Nada modifica as tendencias instinctivas de cada especie, que subsistem sempre, nem mesmo a educação, como querem alguns ingenuos deslumbrados. Ouçamos a respeito o interessante exemplo dado por POUCHET: « *Les petits canards, couvés par une poule, sen vont droit á la flaque d'eau voisine et se lancent hardiment á la nage, malgré les cris et les angoises de leur mère adoptive* ».

Como dissemos, as operações inteligentes dos animaes, são a resultante de uma impulsão inata, cega e irreprimivel. Os animaes agem sem conhecimento de causa. As formigas chegam a perfeição de realizar a grande utopia social e politica de

PRUDHON, «*a ordem na anarchia*», mas até hoje não variaram nem hão de variar nunca os seus processos de intelligencia. Nem póde ser de outra fórma, porque o animal não é susceptivel de progresso. O animal absolutamente não raciocina. Se o animal raciocinasse, como é que o lobo até hoje, depois de uma multiseccular experiencia ainda não se lembrou de construir uma *bergerie* para seu uso proprio? Como é que pela mesma razão a rapoza ainda não se lembrou de crear um *basse-cour*, pois não era necessario inventar, bastava imitar o homem!

O animal realiza todas as operações da vida sensitiva e é portanto passivel das sensações de dôr e prazer. Essas sensações elle as recebe por meio das percepções, percepções essas que já enumeramos e classificamos.

Mas, que se conclue d'ahi : o animal tem ou não tem o senso do Bello, o senso esthetico? A faculdade esthetica é propria somente do homem ou compete tambem aos animaes? Os factos nos obrigam a optar pela negativa. Entre a simples sensação, isto é entre um phenomeno da vida sensitiva e uma operação da intelligencia racional existe uma differença enorme. Exemplifiquemos : sendo um ser animado, dotado de meios de relações, tendo percepção, está claro que o animal tem as sensações de dôr e prazer,



assim é agradável ao gasto a mão que o acaricia e lhe é dolorosa a sensação do espinho que o fere ; a sensação do ribombo da artilharia ha de ser desagradável ao ouvido do animal, em contraposição á sensação melódica de um instrumento de musica. Da pura sensação para o senso esthetico é uma concessão a que os animaes não tem direito senão na phantasia errada de seus defensores que não passam de pessimos psychologos.

DARWIN é que sustenta possuirem os animaes faculdades estheticas, principalmente as aves. Vejamos, analyzemos e concluamos para ver se isto é verdade e se este sentimento é somente passivo, isto é, se os animaes só tem receptividade artistica, ou se este sentimento é activo, se os animaes praticam, executam obra de Arte.

Para não nos perdermos num verdadeiro labyrintho de exemplos busquemos apenas alguns dos mais frizantes entre os animaes constructores, as aranhas, as abelhas, os castores e terminemos com o rouxinol.

Os animaes que constroem, agem como já dissemos, por uma simples impulsão cega que é o instincto, e a sua obra por não ser de natureza susceptivel de progresso não soffre modificação atravez dos seculos, o castor de hoje constroe a sua habita-

ção absolutamente identica a do castor de ha dez mil annos !

Eis o que diz das abelhas um dos mais abalizados especialistas : « A cellula da abelha, em particular, é a applicação de uma profunda geometria, entretanto recusamos a estes curiosos architectos o conhecimento da sciencia e da arte ; as suas construcções são um puro effeito do instincto e é por isso que ellas são sempre perfeitamente identicas. Mas se nestas pequenas cabeças acrescentar-se alguma razão ao instincto, creio que é impossivel que a unidade não seja quebrada. Porque? Porque instruida pela experiencia a razão não póde deixar de perceber que ha um progresso possivel e não póde deixar de o realizar. Imaginai um instante, que n'uma colmeia, por exemplo, cada operaria raciocine, ou, o que é a mesma cousa, que ellas achem que ha uma modificação vantajosa a fazer na cellula que ella constróe, e logo isso se executa : a não ser que seja em plano eficaz imposto á toda colonia pela abelha-rainha, a pequena cidade toma logo as formas as mais imprevistas. Com os homens, isto é com seres incontestavelmente racionaes, reunidos em uma planicie, que se disponham sem previo accordo a edificar cada um a sua habitação : acabada a obra, quantas casas podemos contar, que se pareçam? Talvez nem uma



só! » Por ahi se vê que agindo apenas sob a impulsão cega do instincto, as abelhas, na sua architectura a que preside uma geometria profundamente genial, não têm conhecimento de causa, não têm a sensação do Bello, a sensação esthetica!

Os naturalistas observam que os animaes constructores são todos providos pela natureza de instrumentos exactamente adaptados ao trabalho que devem executar. Assim por exemplo a aranha dos jardins, leva, adapta os seus fios de sêda sobre um plano vertical, a partir de um centro commum e que enrola em torno deste centro applicando sobre os raios uma longa e fina voluta, já traz nos teares do seu abdomem, nas cardas dos seus longos dedos, nas molas, nos musculos, em toda a disposição de sua machina, uma especie de tela virtual, cuja trama de largas malhas suspensa aos ramos das arvores não é senão a realidade. Ella age portanto exclusivamente sob a impulsão cega, o instincto de sua especie, e emquanto essa especie existir a sua obra será sempre invariavel e rigorosamente igual. Este mesmo argumento poderá ser applicado á todos os animaes, por ser como já é moda se dizer, uma lei psychologica de character universal.

---

Ha naturalistas que chegam a afirmar a *linguagem* dos animaes, asseverando que elles pensam... e... falam. Chegaram mesmo a estudar... sem resultados, a linguagem dos passaros e o principal objecto desse estudo tem sido o rouxinol. Será mesmo o rouxinol um artista ou a nossa sensibilidade é que o faz? O canto das aves, para ellas, não tem a minima significação artistica nem o minimo caracteristico de linguagem. Não tem significação artistica porque como já provamos, o animal não produz nem sente a Arte, e não tem caracteristico de linguagem por uma simples razão.

« Parmi les oiseaux, personne ne l'ignore, c'est  
« au mâle qu'est réservé le privilège du chant ; la  
« femelle a celui d'entendre en silence une musique  
« qui ajoute-t-on n'est que pour elle. La conversa-  
« tion ou l'échange des pensées est donc chose inter-  
« dite au peuple ailé : chez lui, le monologue seul est  
« autorisé, et encore le monologue unilatéral. On  
« pourra s'en étonner : si les paroles sont comprises,  
« comment n'y aurait-il pas de réplique ? et si elles  
« ne le sont pas, est-il raisonnable de les prononcer ?  
« Mais ce qui semblera plus étrange encore, c'est que  
« les mâles de la même espèce, s'il disent quelque  
« chose à leurs femelles, leur disent tous la même  
« chose. Nous avons le droit de le penser, puisque

« certainement ils font tous entendre les mêmes  
« sons. Representez vous donc des miliers et des  
« miliers de rossignols qui, du matin ou soir et du  
« soir au matin, pendant quelques mois et avec un  
« ensemble parfait, repetant á satieté les cinquante  
« mots de leur dictionnaire, pour recommencer l'année  
« suivante avec la même precision, la même ardeur  
« et le même succès; representez vous en même  
« temps la nombreuse tribu des pinsons, celles des  
« fauvettes, celles des merles; en un mot, toutes les  
« nations aeriennes se livrant, chacune de son côté,  
« au debit du monologue uniforme et invariable qui  
« lui est imposé: sans doute vous inclinerez forte-  
« ment à penser que, parmi les habitants des airs, le  
« le sexe muet doit être universellement frappé d'une  
« incapacité effrayante. Comment! on lui reedit eter-  
« nellement la même chose, et il faut toujours recom-  
« mencer! Pour moi, je vais plus loin: je me crois  
« en droit de conclure que l'autre sexe n'est pas plus  
« heureusement doué ».

Esta longa citação, mas cheia de graça e de verdade é mais uma prova do que vimos afirmando sobre as operações intellectuaes dos animaes, que são uma mera resultante do instincto de cada especie.

O animal não raciocina, o animal destituido de inteligencia de abstracção e generalisação não póde

ter ideas geraes, não póde ter ideal, não póde portanto nem produzir nem sentir a Arte. Toda a sua intelligencia age uniformemente e invariavelmente, e a uniformidade e a invariabilidade das operações racionaes constituem uma pura contradicção!

Com effeito, qual é a prova que temos da emoção esthetica do animal? Nenhuma. Que pensará, que sentirá um camello diante das pyramides do Egypto? Nada, muito menor satisfação do que a que lhe póde causar um caixão de tamaras! Que sentirá um cavallo dentro da cathedral de Colonia? Ha de preferir um bello capinzal ou uma modesta estrebaria! Qual será a sensação de um cão diante da LICÇÃO DE ANATOMIA de REMBRANDT? Talvez se limite a latir apavorado? Que dirá um burro, do MOYSÉS de MIGUEL ANGELO? Com certeza se limitará a pensar... do que já morreu um seu omonymo!...

Entretanto BUFFON na sua descripção do cavallo diz que esse animal se enthusiasma ao toque das bandas marciaes e se arrebatava em impetos belicosos ao canglor dos clarins. Mas aqui trata-se de sensação pura a que o naturalista literato empresta uma feição poetica.

Que artista já ouve que tivesse a pachorra de botar o seu genio a disposição de animaes?! Já os

antigos se referindo a homens que não dão o devido apreço as coisas bellas disseram : « Margaritas ante porcos... »

Para nós os animaes não têm senso esthetico nem passivo nem activo, não ha animaes artistas nem para produzir, nem para sentir a Arte que entre outros é o mais bello e supremo attributo unicamente privativo da nossa especie. Póde o grande DARWIN afirmar que os rouxinóes compoem musica, que existem animaes architectos, pintores, esculptores... PLINIO chega a afirmar que a gallinha depois que põe, asperge-se de palha praticando a cerimonia religiosa de se purificar...

A Historia das Bellas-Artes que é para a nossa these o argumento capital, não reza, não atesta nenhum monumento executado por gorillas nem gibons, não fala de um só monumento executado pelos irracionaes. E cumpre notar que se a Arte de povos selvagens é uma arte rudimentar, é que o selvagem não serve de exemplo para nada, por constituir simplesmente um homem degradado embrutecido pela longa e inveterada perversão e obliteração de suas faculdades.

A faculdade esthetica é propria somente do  
homem ou compete tambem aos animaes?

Sim, a faculdade esthetica é propria somente  
do Homem.

Petropolis, 7 de Maio de 1917.



